

UMA ANÁLISE RETÓRICA DO NACIONALISMO DE FRANK CAPRA NO FILME “PRELÚDIO DE UMA GUERRA” (1942).

Marília Monitchele¹

Resumo: O presente artigo tem como proposta analisar os elementos retóricos do primeiro filme da série Por que lutamos? - Prelúdio de uma Guerra, produzido por Frank Capra em 1942, logo após a entrada oficial dos EUA na II Guerra Mundial. Para tal, apresentaremos o diretor, indicando algumas de suas visões de mundo e posicionamentos sociais e políticos, a seguir falaremos sobre a construção narrativa e os elementos fílmicos do documentário analisado e por último nos deteremos em seus elementos retóricos e suas funções sociais e discursivas. Tal esforço nos ajuda a compreender a potência dos objetos de cultura (no nosso caso o cinema) como campo de análise das disputas sociais e militares, bem como seu uso para a propagação e legitimação de políticas de Estado.

Palavras-chave: Frank Capra; Por que lutamos?; Exército dos Estados Unidos; Cinema e História; II Guerra Mundial.

A RHETORICAL READING OF FRANK KAPRA'S NATIONALISM IN “PRELUDE TO WAR”

Abstract: The purpose of this article is to analyze the rhetorical elements of the first film in the series Why we fight? - Prelude to War, produced by Frank Capra in 1942, shortly after the official entry of the USA into World War II. To this end, we will present the director, indicating some of his worldviews and social and political positions, then we will talk about the narrative construction and the filmic elements of the documentar, and finally we will focus on its rhetorical elements and its social and discursive functions. Such effort helps us to understand the power of cultural objects (in our case, cinema) as a field of analysis of social and military disputes, as well as their use for the propagation and legitimation of State policies.

Key-words: Frank Capra; Why we fight?; United States Army; Cinema and History; World War II.

Com a entrada dos Estados Unidos na II Guerra Mundial, pressionado pelo ataque japonês à base militar americana de Pearl Harbor, no Havaí, o comando dos órgãos responsáveis pela propaganda de governo ficou sob responsabilidade do general George C. Marshall e do presidente Franklin D. Roosevelt. O general tomou a iniciativa de produzir uma série de documentários educativos a fim de explicar para os novos soldados recrutados os motivos pelos quais eles estavam lutando. Para encabeçar o projeto,

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em história da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e bolsista CAPES. Atualmente pesquisa as relações entre produções audiovisuais e governo nos Estados Unidos durante a II Guerra Mundial. Email: mmonitchele@gmail.com.

convidou um dos cineastas mais reconhecidos e premiados dos Estados Unidos: Frank Capra.

O diretor, acompanhado pelo também diretor Anatole Litvak e pelo roteirista Anthony Veiller iniciou a produção da série “Por que lutamos?”, entre os anos de 1942 e 1945. A série foi composta por sete filmes documentários, que tinham como objetivo explicitar aos soldados, e posteriormente à toda população, os motivos que levaram os Estados Unidos a entrar na guerra - guerra essa que até pouco tempo atrás fora considerada um problema da Europa². Para Wagner Pinheiro Pereira, “a série buscou também guiar as emoções para o alistamento dos norte-americanos nas forças armadas e simultaneamente esclarecer a opinião pública norte-americana sobre os principais acontecimentos da guerra” (PEREIRA, 2011, p. 14).

Portanto, esse artigo tem como proposta analisar os elementos retóricos do primeiro filme desta série: Prelúdio de uma Guerra, produzido por Frank Capra em 1942, logo após a entrada oficial do país na Segunda Guerra Mundial. Para tal, apresentaremos o diretor, indicando algumas de suas visões de mundo e posicionamentos sociais e políticos, a seguir falaremos sobre a construção narrativa e os elementos fílmicos do documentário analisado e por último nos deteremos em seus elementos retóricos e suas funções sociais e discursivas.

Frank Capra: algumas informações biográficas

Frank Capra foi um dos diretores mais proeminentes da Era de Ouro hollywoodiana, sendo considerado por muitos como um dos nomes mais representativos e premiados da Era Roosevelt (1933-1945). Os enredos de seus filmes abarcavam temáticas sociais (como a Grande Depressão), sem abandonar um espírito positivo e otimista, transmitindo uma sensação de segurança e crença no progresso.

Seus filmes, a despeito do sucesso que faziam, foram rotulados de “*capracorn*” entre seus críticos, que muitas vezes os definiam como ingênuos e idealistas. E entre os muitos rótulos que tentaram atribuir a Capra, talvez o que tenha ganhado mais espaço seja

²A participação dos Estados Unidos da América na Segunda Guerra Mundial não foi sempre marcada pelo consenso, seja das classes políticas ou da população. Iniciado o conflito, a tática inicial do país foi a manutenção de sua neutralidade, marcada por uma posição acentuadamente isolacionista em relação a disputa europeia. A forte corrente isolacionista, caracterizada pela atuação de políticos experientes no Congresso estadunidense e pela opinião pública, ainda acreditava que a melhor estratégia naquela guerra era o não envolvimento, legando-a aos países europeus

o de “populista apaixonado pelo homem comum” (SMOODIN, 2004, p.17). Reputação adquirida através de alguns de seus filmes, especialmente as sagas de Mr. Deeds, Mr. Smith e John Doe.

Glenn Alan Phelps, argumenta que entre os anos de 1936 e 1946, o apelo crítico e popular das obras de Capra atingiam seu auge e “ele conscientemente tentou fazer algumas afirmações sobre a vida e a natureza das políticas americanas” (PHELPS, 2009, p.378). Para Wagner Pinheiro Pereira os filmes de Capra “são um retrato inegável da democracia norte-americana em seu melhor estado, transmitindo uma sensação de segurança e otimismo em sua crença na força dos valores democráticos, na liberdade de expressão e no desejo norte-americano de progresso”. Para muitos, e para o próprio Capra - como deixa claro em sua autobiografia-, seus filmes eram uma forma de gratidão pelas oportunidades abertas pelos Estados Unidos da América (CAPRA, 1971, p. 240)³.

Nascido na Itália em 1897, filho de camponeses sicilianos analfabetos e com outros 6 filhos, enfrentou a viagem de imigração no convés inferior de um navio com apenas 6 anos de idade, se estabelecendo em condições difíceis na Califórnia. Apesar das dificuldades, foi o primeiro, e durante muito tempo o único, da família a concluir o Ensino Superior. Formou-se engenheiro químico pelo Instituto de Tecnologia da Califórnia (Caltech), onde conciliava sua formação acadêmica com outras funções a fim de conseguir alguma remuneração para se manter.

Em 1924, começou como roteirista de comédias de curta-metragem (*gagman*) nos estúdios de Mack Sennett, onde conheceu o comediante Harry Langdon, que viria a se tornar uma das maiores estrelas da comédia muda. Algum tempo depois de ser descoberto pelos estúdios de Mack Sennett, Langdon abriria seu próprio estúdio e levaria Capra para dirigir suas produções independentes.

E em 1935, o cineasta chegava ao seu apogeu. *It Happened One Night* (Aconteceu Naquela Noite), uma comédia romântica dirigida por ele ganhava as cinco mais cobiçadas estatuetas do Oscar: melhor filme, melhor ator (Clark Gable), melhor atriz (Claudette Colbert), melhor diretor (Frank Capra), e melhor roteiro (Robert Riskin), outro diretor só viria a repetir esse feito em 1970.

Para Capra, neste momento, ele havia chegado ao topo (CAPRA, 1971, p. 172). Capra então, achava que não faria outra obra de tamanha grandeza, e não podia macular

³Em um dos trechos da sua autobiografia, Capra diz: “Eu não sei o que os próximos quarenta anos podem me trazer. Mas eu sei o que eu tentarei fazer nos próximos quarenta anos: filmes sobre a América e seu povo; filmes que serão a minha maneira de dizer “Obrigado, América”.

seu legado com algum filme que não estivesse à altura de *It Happened One Night*. O que fazer diante de tamanho dilema? A solução encontrada por ele foi fingir-se de doente para fugir do fracasso.

Durante sua performance de enfermo, a ficção tornou-se realidade e o diretor acabou por contrair alguma doença de diagnóstico difuso entre tuberculose e pneumonia. E nesse período teria recebido uma revelação que o fez mudar os rumos de sua carreira⁴. A partir desse momento Capra prometeu a si mesmo que seus filmes teriam algum significado. Suas produções não seriam mais feitas com roteiros escritos apressadamente, visando apenas o sucesso instantâneo e a obtenção de lucros.

De fato, as produções de Capra após *It Happened One Night*, apresentavam um conteúdo político-social mais identificável e forte. Filmes como *Mr. Deeds Goes to Town* (O Galante Mr. Deeds), de 1936; *Lost Horizon* (Horizonte Perdido), 1937; *You Can't Take It With You* (Do Mundo Nada se Leva), 1938; *Mr. Smith Goes to Washington* (A Mulher Faz o Homem), 1939; a série de documentários *Why We Fight?* (Por que lutamos?), 1942 – 1945 e *It's a Wonderful Life* (A Felicidade Não se Compra), 1946, com seus ideais de moral, democracia e liberdade. Pereira argumenta que muitos foram os contemporâneos de Capra que representaram ideias sócio-políticas em seus filmes, porém, “Frank Capra foi o único diretor de Hollywood que tentou construir em seus filmes um modelo em larga escala da sociedade norte-americana” (PEREIRA, 2011, p. 10).

Para George Toules, Capra nunca concebeu seus filmes como entretenimento casual, ele tinha em mente que os melhores filmes deveriam ter um “pós-vida”, no sentido de que deveriam servir para algo além do que representavam nas telas e durar mais que o tempo em que foram feitos. Capra se preocupava em evitar possíveis distorções e

⁴ Capra teria sido visitado por um homem, com quem se deu o seguinte diálogo: “Um pequeno homem levantou-se da cadeira; completamente calvo, usando óculos de lentes grossas (...). Não houve apresentações. Ele simplesmente disse: “Por favor, sente-se, senhor.”

Eu me sentei, fraco e tão curioso quanto um gato. O pequeno homem se sentou do lado oposto e disse calmamente: “ Senhor Capra, o senhor é um covarde.”

“Um o que?”.

“Um covarde, senhor. Mas infinitamente mais triste – Você é uma ofensa a Deus. Você ouviu esse homem? (...) A voz rouca de Hitler gritava (no rádio). “Esse homem diabólico está tentando desesperadamente envenenar o mundo com ódio. Para quantas pessoas ele fala? Quinze milhões – Vinte milhões? E por quanto tempo? – Vinte minutos? Você, Senhor, pode falar para centenas de milhões, por duas horas – no escuro. Os talentos que você tem, senhor Capra, não são seus, não são autoadquiridos. Deus lhe deu esses talentos, eles são presentes Dele para você, para serem usados para os propósitos Dele. E quando você não usa os dons com os quais Deus te abençoou – você é uma ofensa para Deus – e para a humanidade. Tenha um bom dia, senhor”. In: CAPRA, Frank. **Frank Capra, the name above the title**. New York: Macmillan, 1971. p. 176.

indiferenças ao seu trabalho, criando algo que fosse capaz de despertar o espectador para um sentido maior, que superava o sentido da narrativa (TOLES, 1996, p. 206).

O diretor não se preocupava em ser definido (e se definir) como moralista. Para ele, sua perspectiva estética, construída através de um filme, era inseparável de seus ideais morais, “a escolha mais importante que ele fez como cineasta, ele nos conta, foi dar aos seus trabalhos uma firme orientação cristã” (TOLES, 1996, p. 251).

Uma das principais convicções defendidas através da obra de Capra é sua compreensão de que a democracia só gera resultados quando os indivíduos se tornam conscientes de suas responsabilidades para com ela. Para ele a sociedade pode ser melhor, mas isso depende de ações individuais.

Prelúdio de uma guerra (1942)⁵ - Detalhes da narrativa filmica: uma primeira exploração⁶

O filme busca informar aos soldados e posteriormente civis sobre as causas que levaram a eclosão da Segunda Guerra Mundial e os motivos que levaram o envolvimento dos Estados Unidos no conflito. A narrativa se desenvolve numa oposição nós x eles. Em que os Estados Unidos, representado pelo “nós”, se diferencia de maneira radical “deles” (as forças do Eixo). Enquanto os Estados Unidos e tudo que ele defende é ilustrado pela metáfora de um “mundo livre”, democrático, produtivo, que apoia uma cultura de paz e não de guerra, o mundo do Eixo é um “mundo escravo” representado pela tirania de seus governantes e submissão de seu povo, que se desenvolve numa cultura de guerra, motivado por um desejo de dominação.

Essa narrativa se desenvolve em quatro partes. A primeira parte é curta e dá algumas informações básicas sobre o filme, como o fato dele ter sido um filme feito com imagens reais⁷ obtidas em fronts de guerra ou em posse de inimigos, numa busca por

⁵ Ficha Técnica - Filme: Por que lutamos? Prelúdio de uma guerra (Why we fight?: Prelude to war)/1942. Gênero: Documentário/ Estúdio: Departamento de Guerra dos Estados Unidos/ Direção: Frank Capra Roteiro: Anthony Veiller-Eric Knight / Produção: Frank Capra - Anatole Litvak / Duração: 53 min. Narração: Walter Huston / Animação: Walt Disney.

⁶ Essa primeira exploração do filme, destacando sua construção narrativa e estética foi discutida anteriormente e com maiores detalhes no artigo de minha autoria intitulado: “Talvez não haja América, talvez haja apenas Frank Capra”: representações caprianas e a construção dos inimigos de guerra no filme “Por que lutamos? Prelúdio de uma guerra (1942).

⁷ Em nota de texto inicial obtém-se que: “O filme que você está prestes a assistir é o primeiro de uma série produzida pelo Departamento de Guerra exclusivamente para membros das forças armadas. O gabinete de informação de guerra concordou com o Departamento de Guerra em liberá-lo para o público americano. A maioria das cenas deste filme foram obtidas de noticiários americanos, documentários das Nações Unidas,

validação do discurso e com o objetivo de torná-lo mais verossímil. Além disso, são apresentados textos de líderes de governo salientando os ideais democráticos e a crença na vitória americana, que significa mais que a vitória dos Estados Unidos, mas sim a vitória da democracia e da liberdade. Nesse primeiro momento, a grande pergunta do documentário, que guiará a narrativa do começo ao fim, é feita: que causas e eventos levaram o exército americano a marchar para a guerra?

É a partir desse questionamento que ataques são mostrados, não só o ataque a Pearl Harbor, mas a diversos outros países. Nas demonstrações bélicas as imagens sugerem uma potência de agressão muito forte dos inimigos. São mostrados soldados marchando sobre as cidades invadidas, tanques de guerra, bombas e inúmeros ataques aéreos. Enquanto as cidades e os cidadãos atacados são representados sugerindo uma certa condição indefesa perante tamanha potência militar: pilhas de destroços, filas de corpos, pessoas correndo ou chorando são o tipo de imagens mais usadas. A autoria dos ataques não é diretamente revelada pela narração, mas é sugerida pela aparição discreta de bandeiras nazistas e japonesas.

O fundo musical é um som instrumental tenso, que só se modifica quando se começa a falar brevemente sobre os Estados Unidos, e a questionar o que o levou a mudar seu “*way of life*” da noite para o dia e voltar seus recursos internos para a guerra. Nesse momento, o som, também instrumental, se torna mais edificante e animado.

Ao falar dos Estados Unidos, seu potencial bélico também é sutilmente demonstrado com imagens de produção de insumos de guerra, como armamentos e aviões, e de soldados marchando firmemente sobre o mapa do país. Assim, transita-se para a segunda parte do documentário. A transição é feita pela frase atribuída ao vice-presidente dos Estados Unidos Henry A. Wallace, afirmando que aquela guerra é uma luta entre um mundo livre e um mundo escravo.

A partir desse momento a narrativa se concentra na analogia entre esses dois mundos. E começa a demonstrar como o mundo livre se tornou livre a partir do esforço de inúmeros “homens de visão”. Frases atribuídas a Moisés, Maomé, Confúcio e Jesus Cristo salientam princípios de comunidade, liberdade, democracia e verdade. A própria escolha dessas figuras simbólicas é interessante, já que são importantes e reconhecidas

e filmes dos inimigos, agora em posse do Departamento de Guerra. Todos os mapas, diagramas e algumas reconstituições históricas foram preparadas e autenticadas pelo departamento de guerra. A finalidade deste filme é fornecer informações factuais sobre as causas, eventos e princípios pelos quais estamos lutando. Estamos convencidos que antes do sol se pôr nessa terrível luta nossa bandeira será reconhecida mundo afora como símbolo de liberdade de um lado, e poder esmagador do outro”. STIMSON, Henry. L.

não apenas na cultura ocidental, demonstrando que esses princípios podem ser compartilhados por múltiplas tradições culturais.

Outras figuras políticas também são citadas, algumas de origem estadunidense como Lincoln e Jefferson, mas também de outras partes do mundo como Bolívar e Garibaldi, mostrando novamente que determinados princípios não são apenas americanos, mas globais. E que no mundo sempre houve pessoas lutando por liberdade, igualdade e democracia.

Nesse bloco, dois grandes símbolos americanos de liberdade e democracia são resgatados. O primeiro é a Declaração de Liberdade, ilustrada pelo seguinte trecho: “Nós acreditamos na evidente verdade, de que todos os homens são iguais. É o alicerce sobre o qual nossa nação foi erguida e o ideal de todos os grandes libertadores”, e o Discurso de Gettysburg, historicamente pronunciado por Lincoln em 1863, cuja frase utilizada no documentário é conhecida por muitos: “O governo do povo, pelo povo e para o povo jamais perecerá sobre a face da terra”.

Além da música instrumental um pouco mais edificante, ao falar de grandes líderes do país e de seu princípio de liberdade, o Hino da Batalha da República (The Battle Hymn of the Republic) toca ao fundo, um hino patriótico que data de 1861 e se popularizou durante a Guerra Civil Americana.

Ao fim, enquanto fala da liberdade como um dos principais motivos pelos quais vale a pena lutar aquela guerra (a liberdade historicamente defendida pela América desde os primórdios de sua história) são mostrados grandes símbolos arquitetônicos do país, como o Capitólio, a Casa Branca, a Estátua da Liberdade, a Biblioteca do Congresso.... Por fim, um texto categórico exige que se dê liberdade ou morte, enquanto um sino da liberdade ressoa ao fundo.

Começa-se então a falar das forças do Eixo, mapas com manchas negras se espalhando por cada um dos países demarcam geograficamente as nações, enquanto a narração específica que tipo de ameaça cada uma delas reserva as liberdades individuais, a democracia, a paz e etc. O narrador inicia, dessa forma, uma fala específica sobre cada um dos três países, indicando a formação moral do povo, apresentando os seus líderes, seus símbolos, desejos e como tiraram vantagem do caos pós-guerra, além das intenções por detrás de seus ataques, que os tornam tão ameaçadores.

Apesar da alarmante ferocidade que resulta da união de Hitler, Hirohito e Mussolini, e da ameaça que os três apresentam, as representações oferecidas deles, em geral, são humoradas, sobretudo as de Mussolini. O italiano aparece quase sempre como

um farsante burlesco, cujo poder se deve mais a Hitler que a ele mesmo. Hitler por sua vez, aparece como um narcisista zangado, dado a discurso estoicos e caricatos. Hirohito, entre os três, aparece bem pouco e quase sempre com uma apresentação severa e autoritária.

Ao falar dos inimigos, em geral, os líderes são apresentados como manipuladores, aproveitadores da boa-fé e tiranos, enquanto seus seguidores são apresentados como submissos que abandonam suas liberdades individuais por não resistirem as manipulações ou a seus líderes. As câmeras geralmente pegam Hitler, Mussolini e Hirohito em dois ângulos básicos: de baixo para cima, ou de frente, com grandes closes, o que salienta suas posições de poder. Seus povos, por outro lado, são quase sempre representados por meio de massas indistintas de pessoas capturadas por câmeras abertas e de cima para baixo, criando uma ideia de dominação alienada, confirmada pelos gritos incessantes em apoio aos seus governantes, além de submetidas a sistemas de controle tão intensos que a desobediência civil sequer consegue ser concebida. A trilha sonora varia entre sons satíricos, que lembram os fundos sonoros de desenhos animados, e batidas que remetem a paradas militares, salientando a rigidez e obediência de seus exércitos e povos.

Ao finalizar a descrição do “mundo escravo” e que tipo de ameaça ele representa para o restante do mundo, inicia-se a terceira parte do documentário. De volta ao “mundo livre”, faz-se um apanhado histórico dos esforços feitos por essa parte do globo na tentativa de se manter a paz, a democracia e a liberdade para todos. Conferências, tratados e pactos feitos no pós-guerra são destacados, assim como a postura exemplar dos Estados Unidos em seguir todas as exigências que sua participação nesses acordos pressupunha. De forma semelhante, só que para o lado negativo, é mostrado como as forças do Eixo foram signatárias de muitas dessas determinações e ignoraram completamente suas obrigações, tomando uma via contrária com o fim da I Guerra Mundial.

Apesar de destacar os esforços de paz, o documentário faz uma crítica a posição isolacionista adotada pelos Estados Unidos, e demonstra que tal postura acabou por se tornar negligente, ao ignorar ameaças reais em nome de uma paz que era ameaçada dia após dia por sujeitos como Hitler, Mussolini e Hirohito. Reconhece-se que no pós-guerra o país teve problemas, assim como a Alemanha, Itália e Japão, porém, destaca-se que a via escolhida para a solução foi através de instâncias democráticas e que respeitavam as liberdades individuais, listando leis, medidas sociais de apoio e distribuição de renda aos mais afetados pelas crises, investimentos em educação, trabalho e obras públicas.

Ao fim das demonstrações dos esforços que os Estados Unidos fizeram pela manutenção da paz no fim da I Guerra Mundial, mesmo com alguns tropeços, e da maneira exemplar que lidou com suas crises internas, sempre mantendo como base a democracia, começa-se a quarta parte do documentário. Essa parte busca explicitar o principal objetivo das forças do Eixo: dominar o mundo e tornar as outras nações suas escravas. E como elas colocaram em prática um plano para atingir esse objetivo. Plano esse que resultou na II Guerra Mundial. Destaca-se que apesar de Hitler, Mussolini e Hirohito parecerem engraçados e bufões pelas imagens que se tem deles nos jornais, eles não o são. Tratam-se de figuras mortalmente perigosas, que inculcaram em seus povos a ideia de que eles são superiores aos demais e que podem restaurar a glória de tempos antigos. Isso os tornam não apenas figuras poderosas, mas comandantes de nações com milhões de pessoas dispostas a segui-los sem questionar. E eles estavam dispostos a tirar proveito disso.

Através de mapas, mostra-se quais as ambições geográficas dos três opositores, e como eles atacaram diversas nações em suas pretensões megalomânicas de dominação mundial. Os mapas ilustram o espalhar dessas ideologias como manchas negras se espalhando pelo globo, bastante ilustrativos por si só. Em um dado momento, uma montagem de imagens, coloca japoneses marchando sobre um dos principais símbolos dos Estados Unidos, a Avenida Pensilvânia, que dá acesso à Casa Branca. Deixando claro que Pearl Harbor era só o começo dos anseios japoneses.

Por fim, narra-se as invasões que as forças do Eixo fizeram, colocando em prática seus planos para além de suas fronteiras. No discurso perpetrado pelo filme, a guerra começou de fato com a invasão do Japão a Manchúria e a China, e da Itália a Etiópia, mas as forças aliadas, e principalmente os Estados Unidos, não estavam dispostos a ameaçar sua estabilidade e segurança por algumas cabanas queimadas e destruídas em países tão distantes. Nada se fez e se assistiu passivamente aos ataques ensaiados e cruéis a esses países. Enquanto isso, a ameaça se espalhava pelo mundo, invadindo mais países e matando mais pessoas, até que o perigo estava suficientemente próximo. Não se tratavam mais de cabanas em continentes distantes.

O documentário encerra reconhecendo que fora um erro não admitir a potência e esperteza de seus adversários. Essa conduta se tornou perigosa e crítica para os Estados Unidos, mas mais que lutar pela sua segurança, era preciso ter em mente que o que estava ameaçado era uma ordem mundial segura, baseada na liberdade e na democracia.

Conceitos amplos, é verdade, mas que era destino dos Estados Unidos defender e resguardar.

Elementos analíticos:

Antes de mais nada, é preciso lembrar que um filme fala, sobretudo, sobre o seu próprio tempo. Ele é fruto de uma conjuntura própria e sempre se volta, direta ou indiretamente, para problemáticas que dizem respeito ao contexto em que está sendo produzido. Atentar-se para as condições de possibilidade de um filme, bem como para quais questões ele nos dirige, ultrapassa o preciosismo metodológico e torna-se condição *sine qua non* para uma boa análise de material primário. Dessa forma, ao optarmos por fazer uma análise retórica do filme de Capra, acreditamos estar fazendo um esforço nesse sentido.

A construção retórica de Capra, portanto, nos insere nos debates de seu próprio tempo. Por que era necessário convencer os próprios estadunidenses a lutar em uma guerra que seu país insistira em participar? Por que argumentar em favor da guerra quando esta já se tornara uma realidade para o país? Ora, essas perguntas se fazem necessárias. Apelar para a retórica na busca pelas respostas nos leva por caminhos interessantes, à medida que o objeto principal da retórica não se caracteriza pura e simplesmente pela análise do texto discursivo (ou do filme, como em nosso caso). Essa se concentra no texto (ou filme) na medida em que é revelada a organização argumentativa da persuasão, bem como a necessidade de se argumentar acerca de algum tema. Pensar dessa forma nos leva para os debates que circundam os objetos culturais e seus usos nas discussões sociais, nos colocando diante de questões genuinamente históricas, para além de questões linguísticas.

O que Capra produz é retórico. O diretor se coloca diante da pergunta central: Por que temos que colocar nossos uniformes e partir para a guerra? Por que temos que enfrentar todas as adversidades dos campos de batalha e lutar *com e por* nosso país? Diante de tais questões, Capra insere-se num debate mais amplo e oferece seus argumentos, tomando partido e convidando os demais a fazerem o mesmo.

O primeiro elemento que buscamos considerar é a motivação para o filme e o debate em que o mesmo busca se inserir. Em entrevista concedida ao Professor Humphrey Leynse, da Washington State University, em 1977, Capra afirma que a gênese do projeto foi concebida pelo General Marshall. O militar se deparava então com a dificuldade de inserir princípios de disciplina e preparar os jovens recém alistados para a realidade da

guerra. Os novos recrutas estariam, em pouquíssimo tempo, enfrentando tropas treinadas do outro lado do oceano. Como prepará-los para as adversidades que os esperavam? como deixar claro que não se tratava de uma fantasia masculina? O general acreditava que isso poderia, e deveria, ser feito por meio de filmes.

O intuito inicial era, portanto, informar aos soldados os motivos pelos quais estavam lutando ao mesmo tempo em que dava informações sobre o palco da guerra e os atores envolvidos, quais eram os principais inimigos, as razões pelas quais era necessário combatê-los e os motivos que fazem deles uma ameaça à ordem vigente.

A guerra, todavia, não era consenso entre os estadunidenses. Embora Pearl Harbor tenha mudado consideravelmente o cenário e um ataque direto as possessões do país tenha sido um incentivo valoroso à causa intervencionista, a opinião pública, como sabemos, pode ser altamente volátil e a realidade da guerra poderia fazer os ventos mudarem. Capra defende, diante disso, que a participação na guerra é necessária, e que, portanto, a causa isolacionista passara (muito antes do EUA entrarem efetivamente no conflito) a ser inviável.

Isso nos leva ao segundo elemento de análise, a maneira que Capra constrói sua argumentação e que artifícios lança mão para fazê-lo. Acreditamos que grande parte dessa avaliação já foi feita no tópico anterior, não sendo necessário a repetição exaustiva dos elementos já considerados. Todavia, é preciso lembrar alguns pontos.

Como vimos acima, a narrativa de Capra se concentra em explorar as questões de alteridade entre nós (Estados Unidos e países aliados) e eles (Eixo). Essa argumentação segue sempre de forma dicotômica e maniqueísta reiterando posições sistematicamente antagônicas. Assim, identificamos dois eixos que concentram grande parte da narrativa do filme, são eles: bom x mau e liberdade (democracia) x escravidão (autoritarismo), com seus elementos expostos mais detalhadamente nos quadros abaixo.

Quadro 1: Bom X Mau

Elementos Temáticos Principais	Elementos Figurativos	Elementos Axiológicos
Bom	<ul style="list-style-type: none"> - EUA cumpre todos os acordos coletivos estabelecidos ao fim da I Guerra Mundial. - EUA reduz sua capacidade militar buscando garantir a paz. - EUA busca garantir uma infância feliz e inocente para suas crianças, jamais usando-as nos esforços de guerra. - Frases de líderes como Moisés, Maomé, Confúcio e Jesus Cristo salientam 	<ul style="list-style-type: none"> Justo Ético Íntegro Verdadeiro Pacífico

	<p>princípios de comunidade, liberdade, democracia e verdade.</p> <p>- Aspectos técnicos do mundo bom: luz mais clara, câmeras captam geralmente de frente, salientando a igualdade entre os sujeitos, músicas mais edificantes, composta por hinos e instrumentais.</p>	
Mau	<p>- Mapas com manchas negras se espalhando por cada um dos países demarcam geograficamente as nações, enquanto a narração específica que tipo de ameaça cada uma delas reserva.</p> <p>- Hitler, Mussolini e Hirohito são apresentados como manipuladores, aproveitadores da boa-fé e tiranos.</p> <p>- São mostrados soldados marchando sobre as cidades invadidas, tanques de guerra, bombas e inúmeros ataques aéreos. Enquanto as cidades e os cidadãos atacados são apresentados sugerindo uma certa condição indefesa perante tanto poder bélico: pilhas de destroços, filas de corpos, pessoas correndo ou chorando.</p> <p>- Aspectos técnicos do mundo mau: Hitler, Mussolini e Hirohito em dois ângulos básicos: de baixo para cima, ou de frente, com grandes closes, o que salienta suas posições de poder. Seus povos, por outro lado, são quase sempre representados por meio de massas indistintas de pessoas capturadas por câmeras abertas e de cima para baixo, criando uma ideia de dominação alienada. A luz costuma ser mais escura. E a música mais tensa, geralmente caracterizada por marchas militares.</p>	<p>Falso/Mentiroso</p> <p>Sem Honra</p> <p>Corrupto</p> <p>Violento</p>

Quadro 2: Liberdade (democracia) x Escravidão (autoritarismo)

Elementos Temáticos Principais	Elementos Figurativos	Elementos Axiológicos
<p>Liberdade (Democracia)</p>	<p>- Analogia do mundo livre claro e iluminado.</p> <p>- “mundo livre”, democrático, produtivo, que apoia uma cultura de paz e não de guerra.</p> <p>- Solução para os problemas e crises do pós I Guerra Mundial foi através de instâncias democráticas e que respeitavam as liberdades individuais, destacando leis, medidas sociais de apoio e distribuição de renda aos mais afetados pelas crises, investimentos em educação, trabalho e obras públicas.</p> <p>- Respeita a diversidade religiosa e a importância da igreja para os seus cidadãos.</p>	<p>Coragem</p> <p>Patriotismo</p> <p>Tolerância</p> <p>Moral elevada</p> <p>Valores nacionais</p> <p>Respeito ao povo</p>

	<ul style="list-style-type: none"> - Respeita as liberdades individuais e incentiva uma educação livre e diversa, permitindo todos os livros (mesmo com ideologias contrárias). - Crianças são livres e educadas para a paz, democracia e liberdade. - Possibilidade de voto em diversas pessoas e de escolha àquele que melhor representar a maioria. - Lutam na guerra para defender a liberdade e a democracia. 	
Esclavidão (Autoritarismo)	<ul style="list-style-type: none"> - Analogia do mundo escravo negro e autoritário. - “mundo escravo” representado pela tirania de seus governantes e submissão de seu povo, que se desenvolve numa cultura de guerra, motivado por um desejo de dominação. - Itália, Alemanha e Japão são acusados de matar seus opositores e queimar livros com ideologias contrárias, desrespeitar as liberdades individuais. - Intolerantes religiosos. Querem acabar com as religiões e deixar todo poder e influência apenas para o Estado e seus líderes. - População alienada e cega pelos seus líderes. - As soluções para os problemas e crises do pós I Guerra Mundial foram tomadas pela via da demagogia, violência, opressão e aumento da capacidade bélica. - Crianças são doutrinadas desde a infância e usadas na guerra quando conveniente e necessário. - Lutam na guerra para aumentar suas possessões e alimentar seus desejos megalomaniacos de dominação mundial. 	<p>Intolerância Covardia Falta de escrúpulos Traição ao povo Ambição desenfreada</p>

Os eixos analíticos representados acima são elementos centrais para a compreensão do filme. Através dele, Capra define o outro, o inimigo a ser combatido e explicita os motivos para combatê-lo. Ao fazer isso, o diretor acaba também definindo a visão que tem de seu próprio país e de seus compatriotas e convida-os a defenderem juntos os valores históricos dos Estados Unidos da América.

Ao falar das forças do Eixo, Capra se concentra majoritariamente nas ações de seus líderes e na formação moral de seus povos. No entanto, ao falar dos Estados Unidos, o diretor não cita nenhum membro da elite política, se o faz, é apenas através de alguns textos de encorajamento, mas nunca como guias de uma nação, como faz com Hitler, Mussolini e Hirohito. Quando se trata dos Estados Unidos, Capra opta por mostrar seus símbolos, através de documentos históricos, monumentos arquitetônicos, líderes do

passado, hinos e etc., tem-se a tentativa de resgatar, através de um conjunto simbólico tido como reconhecível para os cidadãos estadunidenses, os fundamentos morais pelos quais o país sempre lutou.

A defesa desses valores, que na narrativa capriana também são considerados valores globais, daqueles que vivem em uma cultura de liberdade, existência pacífica e igualitária, com os esforços democráticos que definem o “mundo livre”, não combinam com uma perspectiva isolacionista. Assim, Capra não só critica o isolamento histórico dos Estados Unidos nos assuntos exteriores, como, ao rejeitá-lo, defende que uma maior participação na arbitragem e defesa, e uma atuação frequente nos assuntos internacionais são, não só necessárias, como inevitáveis.

Colocando em movimento uma série de produções simbólicas americanas, acreditamos que Capra introduziu e reforçou valores, como por exemplo a necessidade de lutar aquela guerra em nome dos valores antigos de liberdade e democracia, e assim buscou modelar os comportamentos individuais e coletivos, ao mesmo tempo em que apontava para um destino honroso, selado através da vitória que seu país buscava implacavelmente naquela disputa de valores.

“Prelúdio de uma guerra” se torna uma janela de observação interessante para esse diálogo entre discurso e representação. Capra buscou apresentar os valores americanos que estavam sob a ameaça fascista, e demonstra em seu filme que a geração combatente, assim como gerações anteriores, estava perfeitamente apta para defender sua histórica missão de preservação da democracia e da liberdade.

Talvez, Capra acreditasse que um símbolo reconhecido pudesse elevar os sentimentos dos soldados, colocando-os em marcha. Esse princípio pode tê-lo feito lançar mão constantemente de símbolos americanos concretos, na tentativa de resgatar aspectos subjetivos e morais compartilhados por seus compatriotas. Em entrevista, Capra garante que o que mais o estimulou e o fez dar andamento a esse projeto era a crença que seu país conseguiria tomar a dianteira nessa guerra e conduzir outros países livres nesse percurso (CAPRA, 1977).

Referências Bibliográficas:

- BITZER, Lloyd F. The Rhetorical Situation. Philosophy and Rhetoric. In: MATEUS, Samuel. Introdução à Retórica no Século XXI. Covilhã. Ed: Labcom. IFP, 2018.
CAPRA, Frank. Frank Capra, the name above the title. New York: Macmillan, 1971.

_____. The war years and... [Interviewed by] Humphrey Leynse. Washington State University. Mar. 1977.

MONITCHELE, Marília. “Talvez não haja América, talvez haja apenas Frank Capra”: representações caprianas e a construção dos inimigos de guerra no filme “Por que lutamos? Prelúdio de uma guerra (1942). In: XIV JORNADA DE ESTUDOS HISTÓRICOS PROFESSOR MANOEL SALGADO – UFRJ, 09, 2019. Anais eletrônicos... Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://www.jornadaeh.historia.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/01/11-Marilia_Monitchele_Jornada2019.pdf.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. Cinema e política na Era Roosevelt: o “American Dream” nos filmes de Frank Capra (1933 – 1945). In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 06, 2011. Anais eletrônicos... São Paulo, 2011.

PHELPS, Glenn Alan. The “populist” films of Frank Capra. *Journal of American Studies*, v.13, n. 3, p. 377-392, out./dez., 2009.

SMOODIN, Eric. The Legacy of Frank Capra. *Cineaste Publishers*, v. 30, n. 1, p. 16-19, nov./jan. 2004.

TOLES, George E. Frank Capra: the art of moralist. *The Canadian Review of American Studies*, v.9, n.2, p. 249-260, set./nov. 1996.